

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO XVIII



COIMBRA / 1980

Senhora da Conceição. A antiga Quinta da Copeira encontra-se agora dividida em Quinta de S. Jorge, Quinta de S. José, Quinta de Santo António, Quinta da Torre (com a capela de Santa Marta) — todas elas acrescentando o topónimo «da Copeira». Cremos que o núcleo central é constituído pelo que hoje se denomina ainda Quinta do Silva, onde se encontra uma capela, agora abandonada, mas que foi de Nossa Senhora da Conceição. A sua proprietária actual é a Sr.<sup>a</sup> D. Aurora do Carmo Silva, que a herdou de Manuel da Silva, o qual, por 1921, a comprou a um sr. Tavares, que por sua vez a comprou ao sr. Daniel Baptista, casado com D. Georgina Borges, que herdou a velha quinta da Copeira do sr. Borges — o último grande proprietário da área. Oxalá este último elemento conseguisse colocar o Eng. Manuel Castelo Branco na pista dos «herdeiros» dos restantes manuscritos inéditos de Frei Bernardo da Costa!

Saboreando este aperitivo sobre a História da Ordem de Cristo, esperamos o avanço dos estudos do Eng. Castelo Branco a caminho da suspirada «Monografia de Castelo Branco».

JOSÉ GERALDES FREIRE

JOSÉ JOAQUIM MENDES HORMIGO, *Plantas de povoações da Beira Baixa (século XVIII). Ampliações e arranjos*, Edição do Autor, Maio de 1980. 13 pp. + 24 estampas.

Este opúsculo, de grande valia histórico-documental, divide-se em quatro partes : 1 — introdução histórica sobre a Guerra dos Sete Anos ou Guerra Fantástica, que assolou a Beira Baixa de 15 de Setembro a 3 de Novembro de 1762 (pp. 1-5); 2 — Descrição das 24 estampas com ampliações das cartas militares desenhadas por um oficial do exército espanhol comandado pelo Conde de Aranda (pp. 6-11); 3 — extractos de 5 documentos, dois dos quais do arquivo do Autor e um do Arq. da Câmara de Idanha-a-Nova; 4—reprodução das gravuras.

A descrição da Guerra Fantástica na Beira Baixa baseia-se na Revista Militar de 1849. Um quadro mais amplo poderá ver-se na

*História de Portugal*, edição de Barcelos, VI vol., 1934, pp. 230-242, da autoria do Prof. Dr. Ângelo Ribeiro. Aqui, para além do ambiente geral, acompanham-se os movimentos das tropas franco-espanholas (e, em parte, das contra-atacantes portuguesas), terra por terra. Assim vemos passar as localidades de Penamacor, Salvaterra do Extremo, Monsanto, Pedrógão, S. Miguel de Acha, Escalos de Cima, Escalos de Baixo, Ladoeiro, Alcains, Atalaia, Lardosa, Castelo Branco, Sarzedas, Sobreira Formosa, Perdigão, Vila Velha de Ródão, Mação, etc. O avanço foi sustado quando, a 15 de Outubro, os inimigos atacaram a Cortiçada (Proença-a-Nova). Uma descrição mais completa foi feita pelo coronel Vasco Salema num artigo para o «Boletim do Arquivo Histórico Militar» de 1979, intitulado «Desenhos cartográficos militares espanhóis referentes à campanha de 1762». São ao todo 49 desenhos, guardados no Arquivo Histórico Militar, junto ao Museu Militar, com a cota «Mapoteca 17098».

O Dr. Mendes Hormigo realça a importância destes mapas no aspecto histórico, militar e urbanístico, pois aí se «representam antigas redes de comunicação, pontes, rios, vegetação, fortalezas, arruamentos, monumentos, casas e outros dados» (p. 5). Concretiza mesmo e louva a perfeição das plantas de Salvaterra, Castelo Branco e sobretudo do Ladoeiro.

Nós visitámos também a colecção do Arquivo Histórico Militar. Admirámos a beleza do desenho, ora só a tinta preta ora com leve colorido. Registamos também a correspondência de algumas povoações. Permitimo-nos, porém, observar que em alguns outros casos o desenho é de carácter geral : situa a localidade no conjunto dos caminhos então existentes, dá um aspecto da vegetação e das elevações e... o traçado dos arruamentos é mais ou menos estereotipado.

Começemos por uma observação linguística. A legenda da planta do Ladoeiro (est. II) diz: «Plano del terreno q.<sup>e</sup> ocupó la Isquierda del Exercito del Rey en las inmediaciones del lugar de Aduero el dia 20 de Sepi.<sup>bre</sup> del 1762». Como se compreende que, tendo acampado no *Ladoeiro*, o desenhador tenha escrito *Aduero*? Supomos que ele só falava castelhano e, se com portugueses falou, estes se lhe dirigiam em castelhano. Assim se explica que, partindo da juxtaposição *El Laduero* ou *del Laduero*, *nel Laduero*, etc. o desenhador tenha escrito mais ou menos como falava, simplificando o duplo *LL* de palavras diferentes e isolando o topónimo, que ficou apenas *Aduero*! Caso semelhante se verifica, mesmo em português, com a vizinha freguesia

do Oledo. Partindo de pronúncias como «viver no *Oledo*, vir do *Oledo*», etc., o povo diz simplesmente *Ledo*.

Os mapas de Alcains (escrito *Alcairi*) parecem-nos bastante bons. Mas enquanto na Est. V vemos bem assinalada a igreja e o Largo de Santo Antonio, com a capela (hoje destruída) ao centro, já julgamos mais generalizante a planta geral da Est. IV, onde nem a direcção dos caminhos nos parece exacta. Discutimos principalmente a distinção e grande distanciação entre os caminhos de Castelo Novo e da Atalaia. Para não falar de assinaláveis monumentos nos arredores, como as capelas de Santa Apolónia e de S. Domingos, de que não vemos qualquer traço.

De S. Miguel de Acha (Est. X) diríamos que apenas se aproveita a orientação dos caminhos, para Castelo Branco, para Monsanto, para Penamacor e para o Fundão. Não só falta qualquer reflexo do castelo, como nem sequer é traçado o Ribeiro do Lugar, que atravessa a povoação. A disposição do desenho das casas também nada tem que ver com o traçado das ruas. Supomos que o exército acampou, a Leste, na Ramalheira e, a Sudoeste, no Vale da Figueira (que na realidade é um planalto !), mas é bem possível que o oficial desenhador nem sequer tenha entrado na aldeia.

Que valor poderemos dar a um desenho como o de Sarzedas? (Est. XIX). Parece-nos muito problemática a sua coincidência com a realidade...

Não negamos, de modo algum, o valor dos mapas. Da Zebreira, por exemplo, ambas as estampas (XXII e XXIII) deixam ver as irradiações do castelo, fortaleza hoje totalmente desaparecida, excepto na toponímia.

Estudos como o que nos apresenta Mendes Hormigo sobre a Beira Baixa muito contribuem para despertar o interesse pela história local. As nossas dúvidas vão apenas para o rigor dos desenhos, pois estamos convicto de que o oficial espanhol não percorreu, por dentro, todas as povoações que desenhou.